

A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NAS ESCOLAS: RODA DE CONVERSA SOBRE O COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS COTIDIANAS QUE AFLIGEM A JUVENTUDE

Walace Ferreira¹
Diego Cavalcanti de Santana²
Marcos Spagolla Napoleão Tavares³
Beatriz de Souza Pereira⁴

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo compartilhar reflexões decorrentes da roda de conversa “Pensando o combate à intolerância e às violências cotidianas a partir de uma conversa entre iguais”, realizada no Colégio Estadual Professora Maria Nazareth Cavalcanti Silva, em Cascadura/RJ, no dia 03 de abril de 2019. A atividade foi desenvolvida numa parceria entre o projeto de extensão da UERJ “Sociologia, Juventude e Cidadania” e uma escola estadual da zona norte do Rio de Janeiro, como parte da programação da “Semana de Prevenção à Violência nas Escolas”, orientada pela SEEDUC/RJ. Com o intuito de estabelecer uma relação dialógica com os estudantes, as discussões partiram de suas inquietações e problematizações, com grande destaque às intolerâncias cotidianas, enquanto os mediadores, quatro membros do projeto extensionista mencionado, buscaram traçar paralelos com as principais noções das Ciências Sociais presentes nas situações descritas. Dessa forma, buscou-se explorar as diferentes possibilidades de interpretação das situações de violência, das mais explícitas às mais sutis, através de ferramentas de análise capazes de contribuir para que esses jovens enxerguem a realidade em que estão inseridos à luz de uma perspectiva sociológica.

92

Palavras-chave: Escola, juventude, cotidiano, violência, roda de conversa.

Considerações Iniciais

Este trabalho compartilha reflexões decorrentes de uma roda de conversa realizada em uma escola estadual da zona norte do Rio de Janeiro, denominada “*Pensando o combate à intolerância e às violências cotidianas a partir de uma conversa entre iguais*”, e realizada pelos quatro autores que assinam este trabalho.

A atividade, desenvolvida na manhã do dia 03 de abril de 2019, no Colégio Estadual Professora Maria Nazareth Cavalcanti Silva, em Cascadura, com duração de duas horas, foi

¹Doutor em Sociologia pelo IESP/UERJ e Professor Adjunto de Sociologia do CAp-UERJ. E-mail: walaceuerj@yahoo.com.br.

² Mestrando em Ciências Sociais no PPCIS/UERJ. E-mail: diego.dimassantana@gmail.com.

³ Bacharelado e licenciando em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: maspanata@gmail.com.

⁴ Bacharelada em Psicologia na Universidade Veiga de Almeida (UVA). E-mail: pereiraszbeatriz@gmail.com.

uma dentre várias oferecidas por esta unidade escolar e que compuseram a “Semana de Prevenção à Violência nas Escolas” recomendada pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC). O convite veio da professora de Sociologia Dinah Teba da Silva, docente nesta escola e que conhece o projeto de extensão que desenvolvemos na UERJ chamado “Sociologia, Juventude e Cidadania”.

A partir de temas que apontam para o desenvolvimento do pensamento crítico e a formação cidadã de estudantes da educação básica, este projeto extensionista, inscrito na UERJ desde fins de 2017, têm realizado palestras, debates, oficinas e rodas de conversa em colégios da rede pública, visando contribuir na ampliação da discussão de temáticas importantes para a promoção da cidadania. Para tanto, temos abordado assuntos urgentes para o público alvo, geralmente jovens, em termos pessoais e de consciência social, que estejam ligados direta ou indiretamente ao currículo de Sociologia do ensino médio – etapa de ensino em que a disciplina geralmente é ensinada.

Trata-se de um projeto que parte de uma perspectiva do papel da Sociologia articulado à vertente não-tradicional de educação, procurando pensar o saber como uma prática que pode ser construída a partir de formas alternativas e complementares de ensino. O ambiente escolar deve ser um espaço no qual se acolhem as diferenças, os questionamentos, as dúvidas e os saberes. Com isso:

“(…) a escola transforma-se num lugar no qual é permitido ir além dos limites de uma apostila/livro conseguindo alcançar o diferente, pois as vivências normais e comuns são esquecidas num piscar de olhos, enquanto aquelas significativas serão lembradas e relembradas por décadas e décadas” (SCHLICKMANN; SCHMITZ, 2015, p. 5).

Inspirando-se em Paulo Freire, entendemos que é preciso sair do tradicional modo de ensino, superando a postura rígida do docente que apenas transmite o conhecimento, buscando formas de aprendizagem que passam a ter um contato mais dinâmico entre alunos e professores, para em conjunto aprender sobre a vida real (FREIRE, 1996). Eis um dos eixos deste projeto e que tentamos aplicar na atividade aqui relatada.

1. A roda de conversa segundo as Ciências Sociais

Ao recebermos o convite foi-nos solicitada uma atividade cujo eixo fosse o combate à violência. A partir disso, nossa preocupação residiu em estimular a participação dos estudantes diante de uma temática delicada, além de definirmos um norte. Foi então que

decidimos por uma roda de conversa que versasse sobre intolerância e violências cotidianas. O próprio termo usado no título, “conversa entre iguais”, sugeria o tom democrático e conciliatório pretendido.

A dinâmica foi organizada por um professor de Sociologia da educação básica e do ensino superior, um mestrando em Ciências Sociais da UERJ, um estudante de graduação em Ciências Sociais da mesma universidade - e bolsista do projeto -, e uma estudante de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida (UVA). A variedade da equipe foi propositalmente formada para dar conta de temáticas sensíveis que poderiam ser suscitadas, de modo a provocar um debate com múltiplas fontes de apoio.

A atividade voltou-se para um público de 18 alunos do C.E. Professora Maria Nazareth Cavalcanti Silva, os quais manifestaram prévio interesse ao realizarem inscrição numa relação de atividades oferecidas pela escola nesta Semana de Prevenção à Violência. Além disso, 8 alunos de Licenciatura em Ciências Sociais da UERJ nos acompanharam na atividade. A participação deles, inclusive, possibilita a estes futuros docentes a observação da atuação da Sociologia de modo diferente das tradicionais aulas baseadas num conteúdo fechado, bem como contribui amplamente na formação deles.

A fim de ouvir os relatos dos estudantes, com idade média de 17 anos de idade, sem que isso lhes causasse desconforto, levamos papeis em branco onde eles relataram voluntariamente algum exemplo de violência e intolerância marcante em suas vidas. Esses papeis funcionaram como importante ferramenta da dinâmica, já que a partir da leitura dos relatos foi possível comentar os diferentes traumas mencionados pelos discentes. Nesse sentido, a atividade foi dividida em três etapas: 1) Introdução ao tema; 2) Distribuição e preenchimento dos papeis; 3) Sorteio das temáticas e discussão com os alunos.

No começo da atividade, o professor envolvido discutiu com os estudantes as noções de intolerância e violência, bem como elas se manifestam cotidianamente na atual conjuntura do país. Tomando por base essas duas palavras, foi possível instigar a fala dos alunos que trouxeram colaborações sobre diversos tipos de violência, citando as mais conhecidas, como violência física, psicológica e sexual. Uma das estudantes lembrou-nos da violência virtual, ocorrida na internet e que causa inúmeros sofrimentos a inúmeros jovens. As contribuições mencionadas, e sorteadas, foram anotadas no quadro branco, facilitando a interação e a exploração do conteúdo trazido por eles.

Diante da introdução realizada, é possível afirmar que existem diferentes tipos de violência e intolerância que atingem a população jovem em diversos âmbitos. Essa recorrência com diferentes facetas da violência nos leva a naturalização dessas ações, trazendo como consequência um enraizamento de ocorrências violentas, das mais explícitas às mais sutis, permanecendo muitas vezes despercebidas, sendo necessário um estranhamento de práticas comuns do nosso dia a dia, conforme afirmado por Guarinello (2007):

Não tenho respostas: a violência, em qualquer caso, só nos é presente, só se manifesta, quando nos incomoda, quando parece fugir de nosso controle, quando está além do “normal”, além do esperado. Muitos pequenos atos de nosso cotidiano, para nós absolutamente normais e corriqueiros, podem parecer absolutamente violentos, quando vistos por um estranho, quando encarados da fronteira que separa o “nós” do “outro”. A violência, assim, antes de ser um fato sociológico é, primordialmente, um fato antropológico, que se desvenda e se constrói na diferença. E, portanto, é também um fato histórico, na mesma medida em que o passado, que a história estuda, é uma terra estrangeira, é um outro, diferente de nós. Dito em outros termos: para entendermos e estudarmos a violência entre nós, para estabelecermos juízos sobre ela, para a aceitarmos em suas várias formas ou negá-la, é importante refletir sobre ela fora de nós, entendê-la no outro, chocarmo-nos mesmo com a violência do outro, para depois repensá-la em nosso próprio mundo. (GUARINELLO, 2007, p. 125-126)

Em termos sociológicos, só é possível tomar certos fenômenos como objeto da disciplina na medida em que sejam submetidos a um processo de estranhamento e desnaturalização, demonstrando que os fenômenos de ordem social não passam de construções ligadas à história e às relações de força presentes nas dinâmicas sociais. Trata-se da imaginação sociológica descrita pelo sociólogo norte-americano Wright Mills (1975), propondo o uso da Sociologia como forma de entender o indivíduo e suas ações perante as estruturas sociais.

Após esse primeiro contato, entrando na segunda etapa, foram distribuídos os papéis para que os alunos relatassem brevemente experiências de violência e intolerância vivenciadas por eles, com o objetivo de aflorar uma discussão mais aprofundada. Os papéis foram preenchidos e entregues aos moderadores da atividade para sortear os relatos.

Entre as temáticas sorteadas estiveram violência sexual, inclusive com menção a estupro, intolerância política e religiosa, homofobia, *bullying*, assalto, abuso policial e racismo. A partir dos relatos, foi possível abordar essas questões que são caras à Sociologia e discutir com os estudantes alguns assuntos transversais que perpassam esses temas. Diversos

conceitos das Ciências Sociais foram mencionados: etnocentrismo, relativismo cultural, estranhamento, desnaturalização, preconceitos, discriminação, estereótipos, identidade social, tribos urbanas, alteridade, autoritarismo e multiculturalismo.

Com base nessas noções, dialogamos com os discentes sobre formas de se compreender as questões colocadas em sala de aula, utilizando-se de ferramentas metodológicas das Ciências Sociais na interpretação das ações causadoras de violência e intolerância, ou seja, um diagnóstico teórico das principais motivações por detrás das temáticas levantadas. Além disso, também foram discutidas ações que poderiam contribuir para a diminuição dos problemas apontados, assim como medidas cabíveis em casos nos quais os alunos foram vítimas. A conscientização de um tipo de violação e a busca por um amparo médico ou legal também foi destacada, assim como orientações sobre suporte psicológico oferecido por universidades públicas e privadas.

Destacamos, na atividade, que posicionamentos diferentes fazem parte de uma sociedade democrática e constituem-se na base da existência humana. Essa assertiva ganhou força diante do caso em que um estudante disse considerar-se segregado na turma em razão de seus posicionamentos políticos. A diversidade, quando valorizada, ajuda a coesão e permite projetos em comum, em particular na busca pelo sucesso escolar. O afastamento leva à formação de grupos isolados que pouco ou nada constroem em comum. Pelo contrário, aproxima-se da anomia durkheimiana.

O extremismo, em tom elevado na sociedade brasileira, levando aos discursos de ódio e à alimentação de violências cotidianas, foi demarcado como um grave problema a ser evitado. Valorizar o que o outro tem a dizer pode ser o caminho para o bom uso da liberdade e para amainar o clima de radicalização. Quando as posições forem divergentes, o caminho deve ser o respeito, mas sempre tendo em mente que a liberdade precisa de limites, como a História nos dá inúmeros exemplos mencionados durante a roda de conversa.

2. As imagens da atividade

Imagem 1: Diálogo inicial sobre Violência e Intolerância (Etapa 1)



Fonte: Produção da equipe do projeto de extensão.

Imagem 2: Estudantes escrevendo seus relatos nos papéis (Etapa 2)



Fonte: Produção da equipe do projeto de extensão.

Imagem 3: A roda de conversa (Etapa 3)



Fonte: Produção da equipe do projeto de extensão.

Imagem 4: A roda com os 4 autores da moderação à frente (Etapa 3)



Fonte: Produção da equipe do projeto de extensão.

3. Considerações finais

Buscou-se na atividade do dia 03 de abril de 2019 debater temas recorrentes no cotidiano dos alunos partindo da própria vivência deles, à luz de algumas das principais noções das Ciências Sociais.

Procuramos ressaltar a importância da tolerância em uma sociedade diversa e plural como a brasileira. A roda de conversa, inclusive, pode ser um estímulo na instrumentalização dos saberes sociológicos por parte dos alunos, representando, assim, uma oportunidade de ampliação para debates temáticos com os quais os estudantes já podem ter tido contato em

sala de aula. No caso aqui abordado, vimos na roda de conversa uma boa opção para explorar experiências de vida visando uma nova visão sobre o assunto.

Em tempos de conturbação política, recessão econômica e expansão de valores conservadores, entendemos ser necessário apresentar debates lastreados na valorização dos direitos humanos e na cidadania. Esse lastro está na base do projeto de extensão ao qual esta atividade faz parte, acreditando na importância do diálogo como auxílio de uma educação que cumpra seu papel formativo e de acolhimento.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. Cuidado, escola: desigualdade, domesticação e algumas saídas. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. História (on-line), São Paulo, v. 26, n. 1, pp. 125-132, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v26n1/a09v26n1.pdf>>. Acesso em: 21 de abr. 2019.

MILLS, Wright. A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SCHLICKMANN, L.; SCHMITZ, L. L. Da escola tradicional à escola contemporânea: algumas considerações sobre a constituição do espaço escolar. In: Anais do 6º SEMIC do Curso de Pedagogia da FAI Faculdades. 2015. Disponível em: <<http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES27.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2019.